

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

para casamentos, baptiza casamentos, bapti para casamentos, baptiza casamentos, bapti  
santos e banquetes, E santos e banquetes, E santos e banquetes, E santos e banquetes, E  
nua de positaria da abnua de positaria da abnua de positaria da abnua de positaria da abnua  
mida Guarana Espumante mida Guarana Espumante mida Guarana Espumante mida Guarana Espumante  
te e do excellent chocolate e do excellent chocolate e do excellent chocolate e do excellent chocolate  
hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em  
S, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos  
milla Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia  
J. Companhia Brasileira de Companhia Brasileira de Companhia Brasileira de Companhia Brasileira de  
ha de docemente de 2 ha de docemente de 2 ha de docemente de 2 ha de docemente de 2  
Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem Casa de primeira ordem  
especialidades em doces, especialidades em doces, especialidades em doces, especialidades em doces  
para casamentos, bapti para casamentos, bapti para casamentos, bapti para casamentos, bapti  
santos e banquetes, E santos e banquetes, E santos e banquetes, E santos e banquetes, E  
nua de positaria da abnua de positaria da abnua de positaria da abnua de positaria da abnua  
mida Guarana Espumante mida Guarana Espumante mida Guarana Espumante mida Guarana Espumante  
te e do excellent chocolate e do excellent chocolate e do excellent chocolate e do excellent chocolate  
hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em hab Lacta, fabricados em  
S, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos, Paulo pelos Srs. Zos  
milla Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia Loureiro & Companhia  
J. Companhia Brasileira de Companhia Brasileira de Companhia Brasileira de Companhia Brasileira de





**Obra publicada pela  
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Antonio Cesar G. Borges  
Vice-Reitor: Prof. Telmo Pagana  
Xavier

Pró-Reitor de Extensão e Cultura:

Prof. Vitor Hugo Borba Manzk

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Eliana Póvoas Brito

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Manoel de  
Souza Maia

Pró-Reitor Administrativo: Francisco Carlos Gomes  
Luzzardi

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Élio  
Paulo Zonta

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Volmar  
Geraldo da Silva Nunes

**CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Dr. Antonio Jorge Amaral Bezerra

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Prof. Dra. Isabel Porto Nogueira

Prof. Dr. José Justino Faleiros

Profa. Lígia Antunes Leivas

Profa. Dra. Neusa Mariza Leite Rodrigues Felix

Prof. Dr. Renato Luiz Mello Varoto

Prof. Ms. Valter Eliogabalos Azambuja

Prof. Dr. Volmar Geraldo Nunes

Prof. Dr. Wilson Marcelino Miranda

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

*Diretor:* Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

*Vice-Diretor:* Prof. Dr. Jabr Hussein Deeb Haj Omar

**NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA**

*Coordenadora:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

*Membros do NDH:*

Prof. Dr. Adhemar Lourenço da Silva Jr.

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Técnicos Administrativos:*

- Paulo Luiz Crizel Koschier

- Ivoni Fuentes Motta

**HISTÓRIA EM REVISTA**

Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

*Conselho Editorial:*

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPel)

Prof. Dr. Temistocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos  
Aires).

*Editora:*

Profª. Dra. Lorena Almeida Gill

*Editoração e Capa:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

**Editora e Gráfica Universitária**

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

**Impresso no Brasil**

*Edição: 2008*

ISSN – 1516-2095

*Tiragem: 300 exemplares*

**Dados de catalogação na fonte:**

Ayde Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de  
Ciências Humanas. Universidade Federal de  
Pelotas. v.14, (dez. 2008). – Pelotas: Editora  
da UFPel, 2008.  
1v.

Anual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de  
Documentação Histórica. Instituto de Ciências  
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

IMAGEM DA CAPA: Praça Coronel Pedro Osório  
(Pelotas/RS), do livro "Rio Grande do Sul: Imagens da  
Terra Gaúcha", de Morency do Couto e Silva, 1942  
(Acervo da Biblioteca de Ciências Sociais da UFPel).

**Indexada pela base de dados Worldcat  
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA  
WE ASK FOR EXCHANGE**

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

Fone/Fax: (53) 3278-6765

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

*e-mail:* ndh@ufpel.edu.br

## INSTRUMENTO DE TRABALHO

### CUIDADO E ATENÇÃO: A PRESENÇA DAS VISITADORAS SANITÁRIAS EM PELOTAS (RS)

Angela Beatriz Pomatti<sup>1</sup>  
Lorena Almeida Gill<sup>2</sup>

A partir da década de 1920, o Brasil instituiu a presença das visitadoras sanitárias, cuja função era percorrer as casas dos pacientes mais necessitados, repassando-lhes, principalmente, conselhos higiênicos.

Nos cursos para visitadoras efetuados em várias cidades do país eram abordados temas como anatomia e fisiologia, microbiologia, higiene individual, princípios de Medicina, cirurgia, obstetrícia, pediatria, matéria médica dietética e ética profissional.

Segundo Pereira Netto (1997, p. 125) “[...] o cuidado com os doentes remonta à Antigüidade, quando a atividade da enfermeira estava vinculada às obrigações domésticas e femininas”. Assim vamos encontrar cuidadoras em todos os períodos da História, ainda que a chamada enfermagem moderna tenha como marco o ano de 1860, quando Florence Nightingale criou uma escola de enfermeiras em Londres.

Em Pelotas, as mulheres que cuidaram de doentes, as assistentes dos médicos, como eram chamadas, são encontradas com frequência quando estudamos a história da Santa Casa de Misericórdia, e eram, quase em sua totalidade, vinculadas a ordens religiosas.

No Brasil, somente a partir do século XX<sup>3</sup>, se começaria a exigir uma formação maior para as enfermeiras e as visitadoras<sup>4</sup>, do que aquela

---

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Licenciatura em História da UFPel e bolsista CNPq. E-mail: angelapomatti@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Instituto de Ciências Humanas da UFPel. E-mail: lgill@terra.com.br

<sup>3</sup> Em 27 de setembro de 1890 foi criada, pelo decreto n. 791, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras na cidade do Rio de Janeiro, no Hospital de Alienados. Foi somente em fins de 1921 e início de 1922, que chegou ao Brasil um grupo de enfermeiras norte-americanas e canadenses, chefiadas por Ethel Parsons, que pretendeu mudar o perfil destes profissionais (REINALDO e ROCHA, 2002, p. 37).

<sup>4</sup> Rosen (1994, p. 291) faz uma distinção entre o trabalho das enfermeiras e das visitadoras, dizendo que em algumas vezes suas funções se equivaliam, mas que foram buscados modelos diversos para a formação das visitadoras, como preparar pessoas da própria comunidade ou

considerada inata a todas as mulheres, ou seja, o ato de cuidar, de se preocupar com o outro, de ser solidária.

Neste instrumento de trabalho nossa intenção é apresentar aspectos do cotidiano profissional de uma visitadora sanitária, que atuou no sul do RS, enfrentando situações difíceis em um momento em que havia um grande número de epidemias e doenças absolutamente estigmatizantes, como a lepra, a sífilis, a tuberculose.

Como esta última era a doença mais freqüente e aquela que ocasionava a morte do maior número de pessoas, especialmente dos mais pobres, a fala de Dona Clara aborda mais detalhadamente aspectos relativos ao cuidado e tratamento desta moléstia.

Entrevista realizada com CLARA KEISERMAN, no dia 17 de julho de 2007, na sua residência em Porto Alegre, pela acadêmica do curso de História, Ângela Beatriz Pomatti, representante do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel (NDH).

**NDH:** Por favor, sua apresentação.

**D. Clara:** Eu sempre assino Clara Keiserman, mas o meu sobrenome de solteira é Waldemar. Eu nasci em Cruz Alta, em 24 de novembro de 1916. Meus pais se chamavam Ana e José, ele era comerciante e ela dona de casa.

**NDH:** Sempre residiram em Cruz Alta?

**D. Clara:** Nós, de Cruz Alta passamos uma época em Cachoeira, depois viemos para Porto Alegre e aqui estamos há mais de 80 anos.

**NDH:** E onde a senhora estudou?

**D. Clara:** Comecei estudando em Porto Alegre, depois uma de minhas irmãs casou e foi morar em Santa Maria e como o meu cunhado viajava, então ela pediu que eu fosse para Santa Maria. Assim eu terminei o Curso de Magistério em Santa Maria.

**NDH:** E para ser visitadora sanitária, a senhora fez algum curso de especialização?

**D. Clara:** Teve sim, fizemos um curso. A Isaura Barbosa Lima era uma senhora que veio do Rio de Janeiro para nos dar aulas e nós aprendemos muito

---

treinar mulheres com um nível de instrução maior, como o projeto realizado no Brasil, na maioria das grandes cidades.

com ela. Tínhamos aulas com o pediatra, com o médico da Epidemiologia. Foi um curso muito bom que se fez, o curso de Educadora Sanitária.

**NDH:** E qual era a função das visitadoras de saúde? Elas se relacionavam a qual órgão público?

**D. Clara:** Eram funcionárias do Centro de Saúde do Estado. O serviço era feito assim: as parteiras eram obrigadas a notificar os nascimentos. Pelotas foi dividida em cinco zonas, cada uma tinha que cuidar de uma delas (éramos em cinco), então quando a parteira notificava o nascimento, a educadora ia até a casa oferecer a vacina BCG. Nós introduzimos em Pelotas a vacina BCG, de modo que era assim, uma campanha de informação e às vezes até de insistência, porque nós em seguida dizíamos que era para imunizar contra a tuberculose e tinha aceitação.

**NDH:** E a aplicação da BCG como era?

**D. Clara:** Era via oral e a vacina era produzida aqui mesmo em Pelotas.

**NDH:** Em que ano foi introduzido o serviço de visitadoras de saúde em Pelotas?

**D. Clara:** O ano eu não lembro, acho que foi, bem... eu e Naum casamos em 1941 e eu acho que foi por esta época.

**NDH:** E quais as pessoas que vocês visitavam?

**D. Clara:** Todos os nascimentos que as parteiras notificavam, nós fazíamos a visita, até a idade de um ano. Nós tínhamos que terminar fazendo todas as vacinas: contra a varíola, contra a difteria, além de dar conselhos de higiene infantil. Tem um caso até de uma senhora que teve cinco filhas e uma das filhas estudou Medicina e em uma reunião que houve (eu não assisti), ela falou que a mãe dela nunca tinha procurado pediatra, porque a educadora sanitária deu todos os conselhos para ela e assim nunca precisou chamar o pediatra.

**NDH:** E como era o contato com estas famílias, sobretudo com a família de tuberculosos?

**D. Clara:** A gente é claro, não podia estender a mão e se falava normalmente, conforme a situação em que vivia o tuberculoso, que às vezes morava em umas peças: dormia o casal com dois filhos, em uma mesma cama. Então a nossa função era doutrinar para que fossem para Porto Alegre, para o Sanatório.

**NDH:** E quais eram as doenças mais encontradas?

**D. Clara:** Todas as doenças contagiosas agudas e crônicas, até casos de lepra nós visitávamos. Tinha um casal e a filha que eram leprosos e tivemos que encaminhá-los para o leprosário, a função era tirar da convivência.

**NDH:** E quais eram os conselhos aos tuberculosos?

**D. Clara:** Nós dávamos conselhos sobre a higiene que deveriam ter, encaminhávamos a exames os comunicantes, como se chamavam as pessoas da casa. Eram todos encaminhados para bater raio X. E conselhos sobre separação. Não dormir na mesma cama, separar os objetos e o tuberculoso nunca escarrar dentro ou fora de casa, mas sim no banheiro e não falar muito perto das outras pessoas. Os objetos também, tudo era separado.

**NDH:** A senhora lembra se haviam etnias ou profissões mais vinculadas à tuberculose?

**D. Clara:** Nós visitávamos mais os pobres, porque os ricos não se tratavam em Pelotas. Eles iam para outros lugares do Brasil, como Campos do Jordão. Sobre profissões, eu visitava muitos comerciantes que moravam em bairros, como o Fragata, alguns tinham um açougue, um armazém.

**NDH:** E como era vista a tuberculose no período em que a senhora trabalhou como visitadora sanitária?

**D. Clara:** Como uma doença contagiosa. As pessoas procuravam evitar o contato com os doentes e como eu já falei só o doente que se tratava no Centro de Saúde, é que era visitado, porque os médicos não notificavam os casos que eles atendiam nos consultórios. Muitos doentes negavam que tivessem a doença e a visitadora indo até a casa, ficava conhecido o fato dele ter a tuberculose.

**NDH:** E quais os medicamentos eram mais utilizados para a tuberculose?

**D. Clara:** Nós tínhamos a cozinha dietética, na qual fornecíamos mamadeiras para as crianças cujos pais não podiam comprar alimentação artificial. Então ali nessa sala da dietética, nós contávamos os comprimidos e os enrolávamos em um papel e através de uma janelinha, entregávamos os comprimidos de sulfamina para os doentes.

**NDH:** E o que lhe parecia mais eficiente para a tuberculose?

**D. Clara:** Eu acho que o pneumotórax e, conforme o caso, fazer uma cirurgia.

**NDH:** A tuberculose era vista como uma sentença de morte?

**D. Clara:** Um pouco, mas havia o trabalho das visitadoras sanitárias. Fazia parte do nosso trabalho conversar com as pessoas e tirá-las do pânico, não é? E explicar que o pânico só prejudicava, que era, conforme o caso, uma doença curável, como realmente é, não é?

**NDH:** E qual a periodicidade das visitas?

**D. Clara:** As visitas eram uma vez por mês. As visitas diárias só eram feitas em caso de difteria ou de tifo.

**NDH:** E quais as doenças eram mais presentes na cidade?

**D. Clara:** Forte mesmo foi a tuberculose. Havia casos de tifo, difteria, desintéria, mas não era assim, tanto quanto a tuberculose.

**NDH:** E quais eram os conselhos de alimentação para os tuberculosos?

**D. Clara:** A maioria era pobre, não se podia dizer que comessem o que era próprio para eles, não é? Eram muito pobres... Mas a cozinha dietética tinha uma mamadeira que se fazia e se entregava para a mãe. A mãe não podia alimentar a criança, ela era fichada no Centro de Saúde e ia uma vez por mês consultar com o pediatra e, conforme a idade, iria mudando a alimentação. Começava com verdonia, astrogeno, enfim, até que elas chegavam ao leite engrossado com maisena. Com um ano elas já tinham o leite engrossado com maisena, era a área da nossa dietética onde tinha muita criancinha. Quando eram muito pobres nem se falava em alimentação. Não dava para falar, não é?

**NDH:** E eram apenas cinco pessoas que cuidavam de toda a cidade, da cozinha e das visitas?

**D. Clara:** Sim, mas tinha a educadora da dietética, a educadora chefe, as educadoras visitadoras.

**NDH:** E a senhora lembra o nome das educadoras?

**D. Clara:** Jacira, Flora, Maria da Glória, Maria Helena.

**NDH:** E a senhora tinha medo do contato com estas doenças?

**D. Clara:** Não, nós usávamos uniforme e quando chegávamos em casa a primeira coisa era tirar o uniforme no banheiro. O uniforme era um vestido azul marinho de seda, manga comprida, punhos brancos e gola branca. De longe as pessoas já sabiam que a educadora vinha vindo. E usávamos uma maleta na qual havia álcool, a vacina BCG, outras vacinas e uma toalhinha e sabonete, porque se a gente quisesse licença para lavar as mãos não tinha problema, a gente podia.

**NDH:** E vocês eram bem recebidas em todas as casas ou existia algum problema com famílias que não gostavam de recebê-las?

**D. Clara:** Poucas, a maioria recebia bem. Geralmente a família de enfermos de doença contagiosa é que fazia cara feia. Nós éramos muito bem recebidas pelas gestantes que nós visitávamos até dar a luz e a higiene infantil, também se visitava muito.

**NDH:** E onde se localizava o Centro de Saúde?

**D. Clara:** Ficava na rua General Neto, esquina Anchieta. Depois passou para a Urbano Garcia, bem perto das vilas.

**NDH:** Nos casos mais graves de tuberculose, como procediam?

**D. Clara:** A gente mandava para Porto Alegre para se tratar, quando não tinha o tratamento em Pelotas, porque o Naum fazia um tratamento naquela época que era o pneumotórax, o tratamento só de ambulatório e também de cirurgia. Depois que o tuberculoso fazia pneumotórax recebia um copo de leite para os adultos. Nós tínhamos comprado copinhos de papel, eles tomavam leite e a gente botava fora o papel.

Para concluir eu queria dizer que a nossa profissão era muito boa. Uma vez eu fui visitar uma família de leprosos e a função da educadora era convencer de que fossem para o leprosário, não é? E eu, na ocasião visitava uma casa e a filha e eu convenci que deviam ir para o leprosário. Até hoje eu tenho remorso porque eu não sei como é que foram tratados. Quando eu encaminhava alguém, tuberculosos também, eu ficava depois com um remorso tremendo. A gente acabava se envolvendo, algumas, não todas, convidavam para o primeiro aniversário [da criança].

### Referências bibliográficas:

PEREIRA NETO, André de Faria. **Palavras, gestos e intenções.** Os interesses profissionais da elite médica. Congresso Nacional dos Práticos (1922). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Medicina Social, 1997. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)

REINALDO, A. M.S.; ROCHA, R. M. Visita domiciliar de Enfermagem em Saúde Pública: idéias para hoje e amanhã. **Revista Eletrônica de Enfermagem.** Vol. 4, n. 2, p. 36-41, 2002. Disponível em <http://www.fen.ufg.br>. Acesso em 12 de janeiro de 2008.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública.** São Paulo:



Hucitec: Editora da UNESP; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.

Angela Beatriz Pomatti  
angelapomatti@yahoo.com.br

Lorena Almeida Gill  
lgill@terra.com.br

Instrumento de Trabalho recebido em julho de 2008  
Aprovado em setembro de 2008